

Por detrás da muralha de palavras,  
existe

a luz da Idéa  
a espreitar (receosa  
muitas vezes...)  
como gazela esquiva  
que pressentiu  
perigo...

E àqueles que, atraz das formas ilusórias,  
do óco das palavras,  
procuram uma luz  
divina

— o Pensamento —  
a Idéa aparece-lhes  
nua  
nítida,  
sublime  
na sua carnação ideal  
de deusa que se entrega  
à carícia,  
à posse total e absoluta  
de quem a procurou  
a-través-de tudo!

E, então,  
cada palavra  
tem uma voz e toma uma aparência  
de cristal  
imaginário  
que deixa ver recônditos segrêdos  
inviolados...

As palavras são outras—sendo as mesmas  
e o seu conjunto

e num acento desesperado,  
trágico, declamou:

—Dódó, como tu és irritante.

E fugiu para o compartimento a seguir com ar de desgraça como se lhe tivesse morrido o marido segunda vez.

A tia da Dódó repreendia-a: vês, fizeste sair a mamã indisposta.

A Dódó enervava-se cada vez mais, corria as mãos pelo teclado, mordida os beiços.

Depois começou uma canção. Os ânimos serenaram. A mãe entrou na sala solenemente com os olhos no chão como as peregrinas que levam ofertas à cabeça nas procissões de aldeia.

Mas no meio da fita sonora de notas claras saltitantes, os sons confundem-se, desafinam, atam-se precipitadamente uns nos outros.

Foi um desastre.

A mãe da Dódó deitou as mãos à cabeça e voltou a sair. A tia da Dódó de olhos escancarados conservava as mãos estendidas num gesto suspenso como a dizer: assentem-se.

O garoto fazia habilidades com os dedos na biqueira suja do sapato. A Dódó não parava de furar música dentro sem acertar uma nota, numa obstinação desarmónica e desesperada. Eu estava farto de tudo aquilo.

Quando sai era tarde.

A Dódó foi acompanhar-me às escadas com um sorriso de fotografia cinéfila. Aproximei-me dela até lhe tocar os vestidos com o meu corpo. Estendi a cara como os cães estendem o focinho para uma festa. Ia beijá-la.

Todo eu tremia à responsabilidade do momento solene do nosso primeiro beijo. Ambos calados. Nossos corpos falavam-se. Aproximei mais a boca da dela. Os seus dentes cheiravam a ausência de escova (que importava isso?).

Passé as mãos trémulas pelo seu rosto macio como seda de 27\$50 o metro.

Tive medo. Não pude. Fugi escada abaixo sob o seu olhar estranhado e insultante. E disse para mim desculpando-me: amanhã explico-lhe porque motivo a não beijei—era

uma satisfação ao meu orgulho de macho.

O beijo que lhe não dei ficou a queimar-me na bôca a noite inteira. Só no quarto andar me lembrei de começar a contar as escadas—56.

A Dódó e a família, excepto o casal que devia estar a beijar-se furiosamente sozinho ao canto da sala, vieram dizer-me adeus à janela.

Eu mal as distinguia, mas como sabia que elas me viam bem à luz dos candieiros da rua, chamei um taxi que passava.

Depois de dobrar a esquina, desci.

Paguei dez tostões e fui a pé para casa.

Encontrei êstes papeis numa velha gaveta de meu pai. Eu nunca tive namoros, sou o que se chama uma rapariga séria. Fiquei muito triste ao lê-los: julguei que o amor que me deu à luz fôsse um sentimento divino feito de abdição de si próprio e de ardência exaltada.

é agora  
a cercadura luminosa  
que envolve  
de névoa d'oiro  
a arquitectura máscula dum sonho!

Cada nova palavra  
é uma vírgem núbil  
que se entrega  
à sôfrega volúpia  
do nosso Pensamento...  
e das Palavras mortas,  
inúteis  
e pobres,  
florescem carnações subteis e transcenden'es  
—coxas  
e seios,  
ventres  
e róstos—  
que o nosso Pensamento apalpa e beija  
insaciavelmente!...

Faz-se a palavra  
luz,  
o Pensamento  
Carne!

E a Idéa que se escondia  
entre a névoa  
das palavras inúteis  
e sombrias,  
deixou-se possuir,  
apareceu  
—enfim!—  
como um Sol rubro,  
fecundante  
e belo!!!!...

P  
O  
S  
S  
e...

poema  
de  
julião  
ricardo